

Mirobriga (Santiago do Cacém): novos desenvolvimentos científicos, entre análises e novas escavações

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. IEM- Instituto de Estudos Medievais
**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa
***Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. CHAM-Centro de Humanidades

Os autores escrevem segundo o Acordo Ortográfico de 1945

José Carlos Quaresma*
josecarlosquaresma@gmail.com

Catarina Felício**
catarina.m.felicio@gmail.com

Filipe Sousa**
filipe.alb.sousa@gmail.com

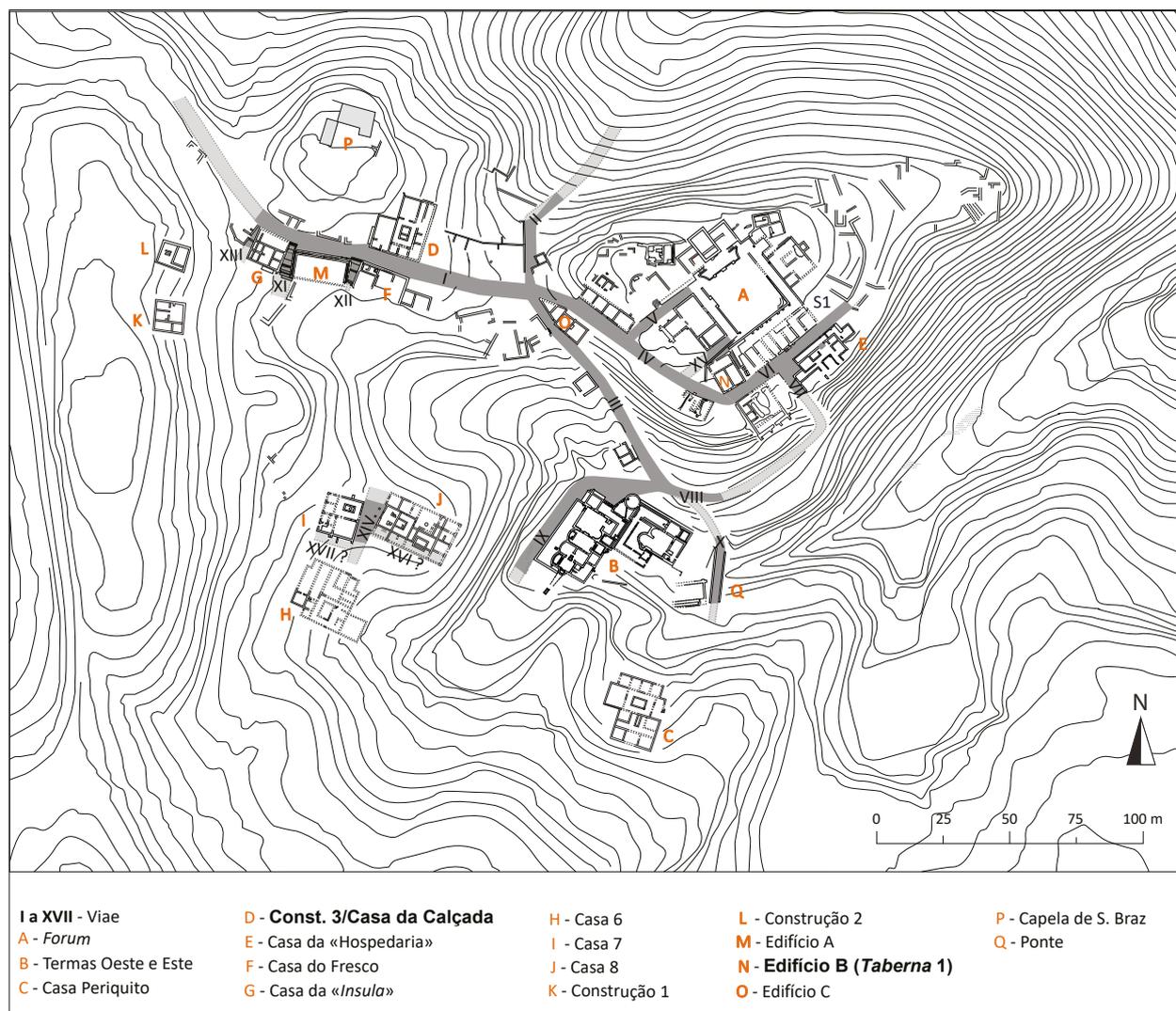
André Gadanho**
andre_gadanho@hotmail.com

Raquel Guimarães**
ras.guimaraes95@gmail.com

Rodrigo Banha da Silva***
rodrigobanhadasilva@gmail.com

Resumo O presente artigo produz uma súmula das investigações mais recentes levadas a cabo em *Mirobriga* (também conhecida como Chãos Salgados e Castelo Velho), através de duas teses de mestrado sobre questões urbanísticas e arquitectónicas e do projecto *TabMir*, iniciado em 2016 sob a coordenação científica do primeiro dos signatários, tendo como objectivo central o estudo dos sectores e dos espaços, públicos e privados, dedicados à actividade comercial na cidade. Far-se-á assim uma síntese problematizada dos resultados relativos aos sistemas de escoamentos de água instalados no espaço urbano, bem como do faseamento e funcionalidade da Construção n.º 3/Casa da Calçada, uma *domus* com funções cumulativas oficiais/comerciais. As novas pautas crono-urbanísticas que estes dados permitem estabelecer para a Antiguidade Tardia, conjugados com os de outras investigações publicadas na última década, são complementares aos novos dados estratigráficos que o sector comercial proporcionou para a primeira metade do século VI d.C., um segmento até agora apenas diagnosticado por materiais descontextualizados.

Abstract This paper gives an outline of the most recent research carried out at *Mirobriga* (also known as Chãos Salgados and Castelo Velho), through two Master theses on urbanistic and architectural matters and the *TabMir* project, started in 2016 under the scientific coordination of the first of the signatories, having as chief objective the study of both public and private sectors and spaces assumed to be assigned to commercial activities in the city. Thusly, in this article, a synthesis of the results related to the urban water drainage systems will be made, as well as the phasing and functionality of Construction n.º 3 / Casa da Calçada, a *domus* with cumulative industrial / commercial functions. The new chrono-urbanistic guidelines that these data allow to establish for Late Antiquity, combined with those of other investigations published in the last decade, are complementary to the new stratigraphic data that the commercial sector of *Mirobriga* provided for the first half of the 6th century AD, a sector of the city until now only diagnosed by decontextualized materials.



Introdução

Mirobriga, cidade romana conhecida também pelos topónimos de Castelo Velho e de Chãos Salgados, é um dos sítios arqueológicos melhor conhecidos e preservados do nosso país, classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1940 e estando dotado de Centro Interpretativo desde 2001, afecto actualmente à Direcção Regional de Cultura do Alentejo. Com ocupação pré-histórica conhecida por vários materiais avulsos, terá tido uma ocupação estável pelo menos desde o Bronze Final, possuindo um povoado sidérico que evoluiu para cidade romana ao longo do século I d.C., *oppidum stipendiarium*, *civitas* e *municipium*, e estando referida por Plínio-o-Velho, na sua *História Natural* (Guerra, 1995).

Reconhecida arqueologicamente ainda no Humanismo, com escavações extensas desde o final do século XVIII, foi o século XX que lhe deu notoriedade, através de sucessivas campanhas de escavação e restauro, que tornaram possível a visita actual de uma parte importante da urbe, com *forum*, banhos públicos, circo, ponte, áreas habitacionais e comerciais e rede viária. Deste conjunto de trabalhos, podemos destacar as monografias mais importantes que deram a conhecer os trabalhos de campo desde a década de 1960, com Fernando de Almeida (1964), a equipa de Missouri (Biers & alii, 1988), ou mais recentemente a equipa de Frankfurt (Teichner, 2018).

Nas décadas de 1990 e 2000, as campanhas de Filomena Barata contribuíram em muito para o estado de valorização actual do sítio arqueológico, com tese de mestrado associada (Barata,

Fig. 1 – Planta de Mirobriga (sem o circo).

1997), à qual se associa, por exemplo, tese de mestrado e de doutoramento de um dos signatários deste artigo, sobre questões ceramológicas e económicas, com análises urbanísticas acopladas (Quaresma, 2003; 2012).

Com esta experiência acumulada, em 2016 demos início a um projecto de investigação plurianual vocacionado para a escavação e estudo das áreas comerciais, denominado *TabMir*, sob coordenação científica de José Carlos Quaresma, numa parceria entre a NOVA/FCSH e a DRC-Alentejo, contando com o apoio do Município e da Junta de Freguesia de Santiago do Cacém, para além do mecenato da Caixa de Crédito Agrícola de Santiago do Cacém. Hoje, para além da extensa área de *tabernae*, sabemos que a cidade foi dotada de um possível *macellum*, cujas escavações em curso permitem colocá-lo como o primeiro edifício urbano deste tipo, perfeitamente diagnosticado em Portugal.

Neste artigo optou-se pela apresentação sumária dos resultados de duas teses de mestrado recentes, vocacionadas para questões urbanísticas, nomeadamente dos espaços residenciais e da gestão de resíduos e águas, bem como dos primeiros resultados que o projecto *TabMir* proporcionou sobre a *Taberna 1* (Fig. 1).

1. Apresentação de casos

1.1. Construção n.º 3 ou Casa da Calçada (*domus*)

O estudo da designada Casa da Calçada, no âmbito da Dissertação de Mestrado de um dos signatários (Sousa, 2018), permitiu compreender algumas das dinâmicas da ocupação da cidade e sua evolução, contribuindo para um melhor conhecimento das metodologias construtivas e de planeamento empregues na arquitectura doméstica e comercial de cariz privado.

Este edifício, que se encontrava já visível desde, pelo menos, 1955, foi parcialmente escavado entre 1995 e 1996, sob a direcção científica de Filomena Barata.

Situado no lado norte da Via I, consiste numa casa de peristilo, com a conformação planimétrica que vem a ser característica a partir dos meados do século I d.C., apresentando uma planta axializada num eixo *vestibulum/peristylum/triclinium*, encontrando-se as dependências privadas situadas em redor do peristilo (Fig. 2). Neste caso, não é totalmente conseguida uma axialização

perfeita, em virtude, por um lado, do lote onde se implanta não permitir esta conformação, por outro, por opção, eventualmente, do promotor da construção, que terá optado por colocar um espaço comercial ou ofical na fachada oeste (Sousa, 2018, pp. 76–82).

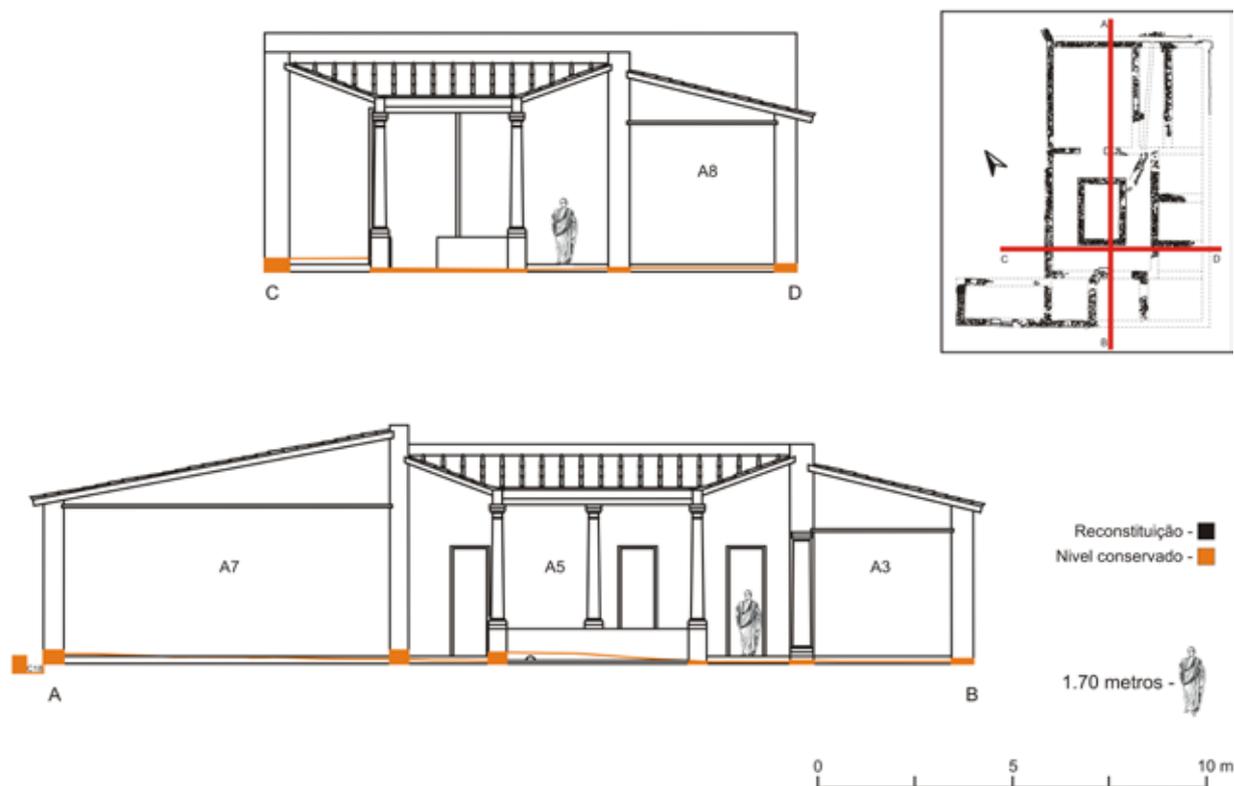
A cronologia de construção da casa é sugerida por um contexto de desagregação ou destruição do pavimento do peristilo, construído em *opus signinum*. Deste interface de desagregação são provenientes vários fragmentos de *terra sigillata* de produção sudgálica e de produção hispânica, pelo que foi sugerida uma cronologia provável situada entre as últimas duas décadas do século I e a primeira década do século II d.C. (Sousa, 2018, pp. 28–29 e 39–40).

Esta proposta vai ao encontro quer da tipologia evidenciada pelo projecto do edifício, com o eixo *vestibulum/peristylum/triclinium*, quer das cronologias publicadas por Julia Kopf (2018a; 2018b) e Karl Oberhofer (2018a; 2018b), relativamente ao estudo de outros quatro edifícios domésticos de *Mirobriga*, cuja construção os autores apontam para a época flávia.

Através da análise métrica do edifício, foi possível estabelecer uma proposta para a forma como este teria sido concebido, tendo sido identificada uma modulação com base numa grelha de quadrados de sete *pedes*, situação que se poderá repercutir em outros edifícios de *Mirobriga*, com base nas medições preliminares realizadas (Sousa, 2018, pp. 100–101).

Foram identificadas algumas reformulações no edifício, que foram divididas em quatro grupos, correspondentes à fase original e subsequentes remodelações (Fig. 3), consistindo duas delas em ampliações do espaço comercial/ofical identificado no extremo oeste do edifício, datadas entre 120–150 e 150–250 d.C. (?), respectivamente. A última refere-se a uma reconfiguração quase integral do edifício, que se encontraria semiarruinado, datada da segunda metade do século III d.C. (Sousa, 2018, pp. 43–61).

Aquando ou após a segunda reformulação do espaço comercial, que terá tido lugar entre a segunda metade do século I e a primeira do século II d.C., foi adicionado um segundo piso sobre o espaço comercial/ofical, que também sofreu alterações nesse período. Com base nas transformações detectadas, terá passado a funcionar no espaço uma actividade possivelmente relacionada com o manuseio de têxteis, podendo ter-se tratado de uma *fullonica*



ou estabelecimento similar (Sousa, 2018, pp. 56–60, 99–100). Esta é sugerida pela ocorrência de três canalizações relacionadas com o que poderão ser os negativos da implantação de dois tanques cuja estruturação se assemelha à existente em alguns espaços oficiais deste tipo. Estas canalizações, escavadas no substrato geológico (xisto), duas cobertas por *imbriças* e uma por tijolo, conduziam as águas provenientes dos tanques da oficina para o exterior do edifício, depositando-as no pavimento da Via I. A identificação deste espaço comercial/oficial, a par de dois possíveis outros situados na zona ocidental da cidade, correspondentes às Construções 1 e 2 (Quaresma, 2003; 2012; Felício, 2019, pp. 129–131), permitiu lançar alguma luz acerca das actividades comerciais que existiam em *Mirobriga* e sua convivência próxima com os espaços domésticos, com os quais se encontravam as paredes meias, e com a vida quotidiana da cidade.

Num momento não determinado na primeira metade do século III d.C., a Construção n.º 3 poderá ter sido abandonada, apresentando a zona norte indícios de ter ruído neste período. Na segunda metade da mesma centúria, sofreu profundas remodelações, que ditaram a anu-

lação do peristilo e a demolição e construção de novos compartimentos na zona sul do edifício evidenciado um corte definitivo com o edifício anterior (Sousa, 2018, pp. 60–63). Esta última fase construtiva, cujas características funcionais e ocupacionais não foi possível determinar, teria já terminado no segundo quartel do século IV, com base na identificação de contextos de descarte de produção metalúrgica, que poderão indicar uma utilização do espaço para recuperação de materiais metálicos provenientes deste ou de outros edifício da cidade, conformando possíveis ações de espoliação. (Sousa, 2018, p. 40).

As transformações da 3.ª fase construtiva apresentam semelhanças com as identificadas por Karl Oberhofe na Casa 8, também em *Mirobriga*, onde foram identificadas reformulações de carácter disruptivo idênticas e que foram atribuídas a esta mesma cronologia (Oberhofer, 2018b, pp. 141–144). A estas ações poderão ainda ser associadas as transformações verificadas na Construção n.º 1 entre a segunda metade do século III d.C. e inícios do século IV d.C. (Quaresma, 2012, p. 55; ver reanálises funcionais em Felício, 2019), bem como os diversos entaipamentos e estreitamentos de

Fig. 2 – Reconstituição volumétrica da fase original da Construção n.º 3 / Casa da Calçada (adaptado de Sousa, 2018).

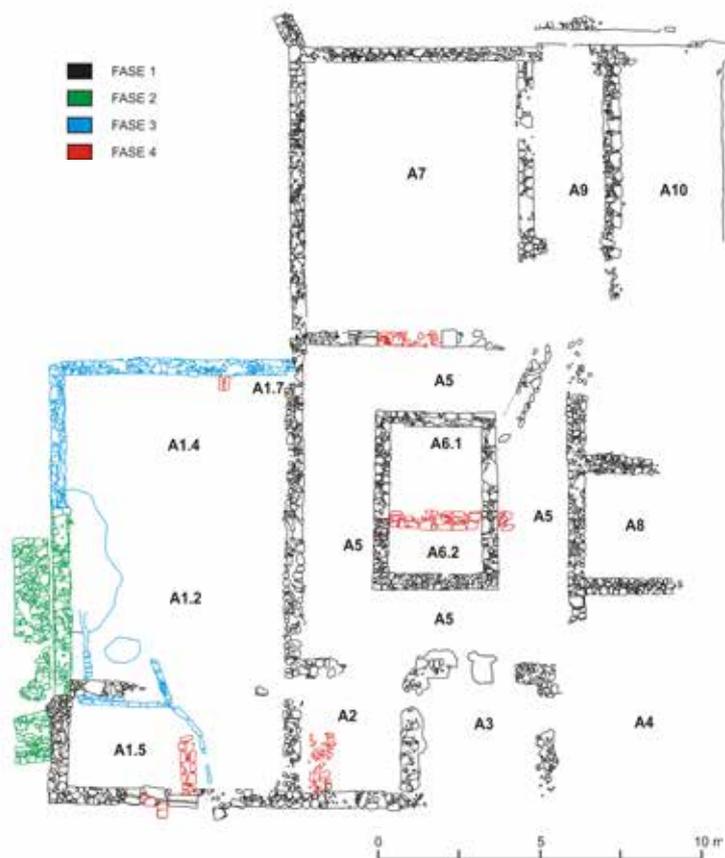


Fig. 3 – Planta geral das estruturas identificadas na da Construção n.º 3 / Casa da Calçada (adaptado de Sousa, 2018).

vãos, até agora sem indicadores cronológicos, verificados em diversos edifícios da cidade (Sousa, 2018, p. 102), pelo que o estudo deste edifício, para além da informação relacionada com as técnicas e pensamento arquitectónico empregues na construção pelo menos de parte da *Mirobriga* romana, serviu de ponto de partida para a compreensão de alguns fenómenos urbanísticos na cidade até aqui escassamente abordados ou para os quais não se conhecia, até então, paralelo na cidade.

1.2. Gestão de resíduos e sistema de saneamento na cidade

O estudo desenvolvido no âmbito da Dissertação de Mestrado de um dos signatários (Felício, 2019), dedicado à gestão de resíduos e sistema de saneamento existente na cidade, permitiu formular uma leitura de conjunto relativa não só ao tema da gestão dos resíduos, mas também da própria cidade e sua dinâmica e evolução.

O sistema de saneamento identificado carac-

teriza-se pela ausência de uma rede subterrânea e por um escoamento de superfície efectuado através das vias, cujo pavimento em lajes de turbidito facilita o escoamento de superfície. Com excepção dos edifícios termais, que escoam para o leito de uma ribeira sazonal, os restantes edifícios identificados até ao momento depositam os efluentes neles produzidos e as águas pluviais provenientes dos pátios interiores directamente no pavimento das vias (Felício, 2019, pp. 18–27, 121–123).

Com base na análise individual de cada estrutura envolvida no escoamento, em particular dos elementos comumente designados como «canais secundários», foi possível caracterizar os diferentes tipos de efluente originados em vários dos edifícios, pelo que foi possível concluir que, na zona do *forum*, bem como nos edifícios habitacionais, os efluentes escoados seriam, essencialmente, águas pluviais, e que a maioria dos resíduos líquidos seria gerada nos edifícios termais e nos espaços oficiais identificados na cidade, que constituiriam os principais focos de poluição urbana, uma vez que os resíduos eram depositados nas suas imediações (Felício, 2019, pp. 27–89). Desta análise foram, em grande medida, excluídos os resíduos sólidos, incluindo os domésticos, para os quais não existem, por ora, dados bastantes.

A topografia urbana, fortemente marcada pela orografia, favorece a acumulação dos efluentes escoados nos pontos mais baixos, nomeadamente o vale onde se implantou a Via II e o vale onde se encontram os edifícios termais, ditando que tanto os efluentes com origem nos edifícios como as águas pluviais da generalidade do aglomerado urbano se concentrassem nestes pontos (Felício, 2019, pp. 16–26). Esta condição, aliada ao facto de alguns dos edifícios se encontrarem construídos contra a pendente de colinas e, conseqüentemente, expostos ao fluxo superficial de águas pluviais, levou à adopção de soluções arquitectónicas com vista à impermeabilização dos pontos sensíveis dos diversos edifícios, de forma a debelar os efeitos da humidade e infiltração. Foram, assim, identificados dois tipos de estrutura: um dedicado à deflexão de águas, afastando-as da base dos paramentos expostos (Fig. 4); e outro caracterizado pela construção de paredes duplas, com vista à criação de caixas-de-ar que impediriam a percolação de humidade para o paramento interior (Fig. 5), prevenindo a sua degra-



dação (Felício, 2019, pp. 111–116).

Para além do escoamento de resíduos líquidos, o sistema de saneamento identificado incluía ainda duas latrinas, localizadas, respectivamente, em cada um dos edifícios termais. Ambas as instalações consistiam em latrinas simples de esgoto lateral sobre dois lados perpendiculares, correspondendo a latrina das Termas Este, a uma adição ao espaço. Quanto à sua capacidade, com base no único fragmento de assento encontrado na cidade até ao momento, foi possível estimar que a latrina das Termas Oeste acomodaria 12 utilizadores em simultâneo, ao passo que a latrina das Termas Este acomodaria apenas 9 utilizadores (Felício, 2019, pp. 90–96, 117–120).

A forma como se processou o cessar de funcionamento do sistema de saneamento identificado, ocorrido a partir de meados do século III d.C., marcado pela falta de manutenção dos eixos viários e pelo abandono/desactivação e, nalguns casos, reconversão de diversos edifícios, como são o caso dos edifícios termais (Biers & alii, 1988) e de alguns edifícios habitacionais, como foi o caso dos dados obtidos no estudo da Construção nº3/Casa da Calçada (Sousa, 2018) e sua comparação com os publicados por Julia Kopf (2018a; 2018b) e Karl Oberhofer (2018a; 2018b), permitiu confirmar

o fenómeno urbanístico identificado anteriormente (Sousa, 2018, p. 101–107), estabelecendo, assim, um período de disrupção urbana ocorrido a partir dos meados do século III d.C. Este fenómeno, que encontra paralelo em diversos pontos da *Hispania* (Romaní & Acero, 2014) é compatível com um cenário de instabilidade administrativa, social e urbanística na cidade, após o qual, pelo menos, alguns edifícios habitacionais semiarruinados terão sido reocupados, sofrendo fortes reestruturações internas, existindo igualmente indícios da conversão de antigos edifícios comerciais em habitações de pequena dimensão, cujas características em muito se distanciam das do período anterior.

1.3. O projecto TabMir: resultados relativos à escavação da Taberna 1

A ocupação mais tardia do sítio está identificada no sector comercial de *Mirobriga*, num dos edifícios localizados nas imediações do *forum*, denominado *Taberna 1*. Foi primeiramente intervenção na década de 60 do século passado por Fernando de Almeida, não tendo este, no entanto, chegado aos níveis de circulação tardo-antigos, do século VI d.C., que foram, por sua vez, intervenções durante

Fig. 4 – Estrutura de deflexão de águas C51, localizada nas Termas Oeste (Felício, 2019).

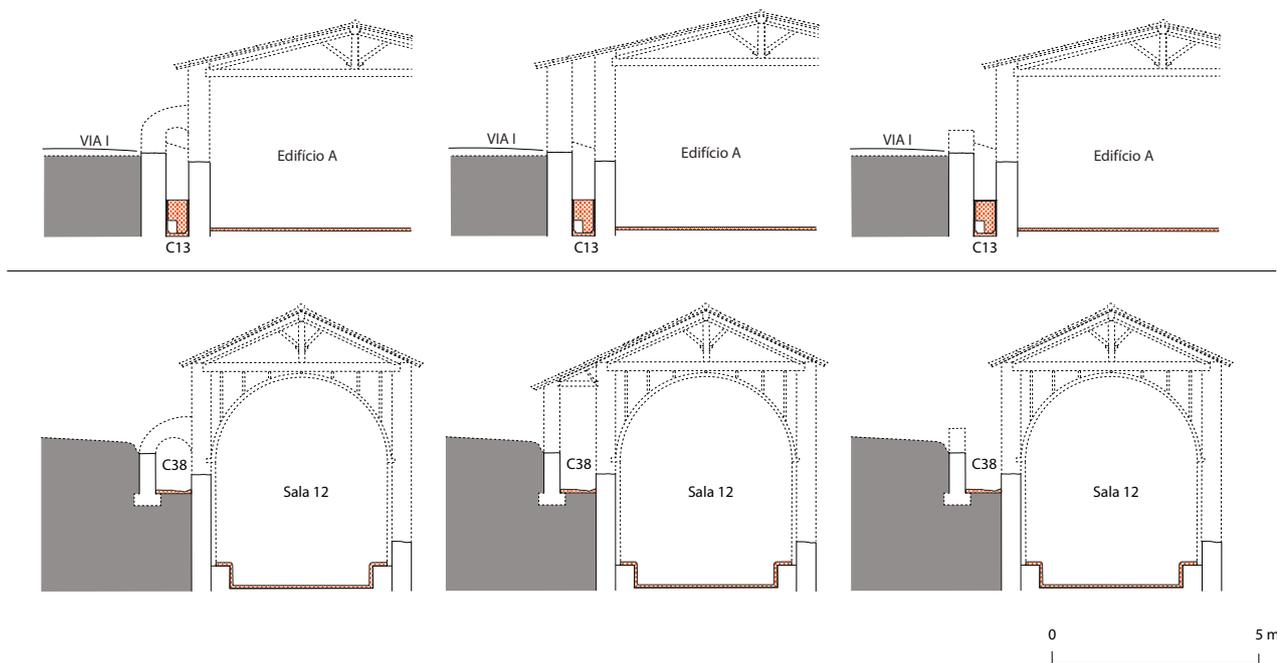


Fig. 5 – Propostas de reconstrução volumétrica das estruturas de paredes duplas C13 e C38 (Felício, 2019).

as campanhas de 2016 e 2017 do projecto *TabMir*.

O Edifício B, localizado no lado norte da Via VI, no sector designado como *Tabernae a Sul do Forum*, é composto por três ambientes, dois dos quais interpretados como *tabernae* (Taberna 1 e 2). A primeira, cuja escavação se encontra já concluída, apresenta indícios de compartimentação interna, possivelmente em madeira, inferidos por um sulco no substrato geológico e por um conjunto de buracos de poste que permitem a reconstrução de um possível compartimento situado na parte posterior do espaço e de um possível espaço vestibular, de conformação semicircular, situado junto da entrada. Os primeiros dados apontam para a construção do edifício no período nero-vespasião, com base nos dados auferidos pela UE 1016 (Quaresma & alii, no prelo). Não dispomos de dados que permitam intuir que actividade ou actividades tenham sido desenvolvidas na Taberna 1.

Os materiais mais recentes deste edifício provêm de um contexto estratigráfico, a UE 1008, que contém um valor considerável de residualidade, sobretudo no que concerne às produções cerâmicas e vítreas, com materiais de cronologia alto-imperial, tendo sido esta, não obstante, datada de entre finais do século V d.C. e meados do século VI d.C., a partir da análise das cerâmicas comuns, não havendo materiais finos coevos nesta UE 1008. Esta unidade consiste num nível de circulação em terra batida

que obliterou quase toda a estratigrafia da ocupação imperial da Taberna 1, da qual apenas resta escassos vestígios dos momentos fundacionais, aparentemente flávios. Parece claro, que este nível de circulação [1008] se encontra igualmente sob a soleira da porta do edifício, tendo provavelmente nesta época visigótica sido recolocada na horizontal, mas perdendo uma boa parte da sua largura funcional, já que sobre si se encontra um resto de muro tosco de alvenaria que entaiparia parcialmente a antiga porta larga imperial do espaço.

Em termos ceramológicos (Quaresma & alii, no prelo), destaca-se então as produções de cerâmica comum presentes nesta unidade estratigráfica. Trata-se maioritariamente de produções locais/regionais, com um número considerável de formas fechadas, sendo os fabricos deste conjunto de matriz essencialmente quartzítica, consistente com as características geológicas da região. Cerca de 80% dos indivíduos (NMI) apresentam cozeduras oxidantes e fabrico em torno rápido, enquanto os restantes cerca de 20% foram executados com recurso ao torno lento, com cozedura redutora e redutora-oxidante, fenómeno não presente no sector residencial de Mirobriga, de cronologia imperial. A análise dos ENP existentes tanto nos indivíduos residuais do período imperial, como nos coevos à UE 1008, apontam para uma grande semelhança ao nível de muitas das pastas, parecendo ainda haver uma linha de conti-

nuidade com as argilas usadas até aos inícios (?) do século V d.C., em *Mirobriga*.

Estes dados podem apontar para uma cronologia entre os finais do século V d.C. e as primeiras décadas do século VI d.C.. Esta cronologia é proposta a partir da comparação com outros casos de estudo, tanto a nível regional como peninsular. Encontra-se paralelos para esta gradual transição, tanto em termos formais — nomeadamente da substituição de formas abertas como os pratos e taças, para formas mais fechadas como os potes e panelas, sendo a *olla* o tipo mais representativo em período tardio —, como em termos das tecnologias de produção da própria cerâmica.

Destaca-se os casos de *Olisipo*, nomeadamente do conjunto de materiais datados nas fases estratigráficas de 500–525 e 525–550 d.C. das Escadinhas de São Crispim (Quaresma, 2020), e de *Caetobriga*, entre 525 e 550 d.C. (Silva & Coelho-Soares, 2014). Estes providenciam paralelos, em termos estatísticos, para este contexto da cidade de *Mirobriga*, cujos dados foram obtidos a partir da análise das percentagens de cozedura redutora e de torno lento. Destaca-se ainda um outro paralelo, apesar de já algo afastado das dinâmicas atlânticas dos casos já aqui apresentados, da região de Madrid (Vigil Escalera, 2003).

Os dados recolhidos a partir de diversas intervenções na actual cidade apontam para uma situação semelhante à das Escadinhas de São Crispim e, conseqüentemente, a *Mirobriga*. De ressaltar, no entanto, que a escassa quantidade de estudos vocacionados para uma análise estratigráfica das cerâmicas comuns dos séculos VI e VII no nosso território não permite confirmar assertivamente as cronologias propostas.

2. Em guisa de conclusão

Há uma década atrás, a investigação estratigráfica e ceramológica levada a acabo em *Mirobriga* parecia ter como um dado seguro uma certa homogeneidade cronológica do fenómeno urbanístico, decorrente entre os séculos I e V d.C., nas normais balizas cronológicas do espaço lusitano (Quaresma, 2012: refente a dissertação de doutoramento defendida em 2009). Com um *boom* das importações de *terra sigillata* ao longo do terceiro quartel do século I d.C. (Fig. 7), os períodos cláudio-neroniano e flávio

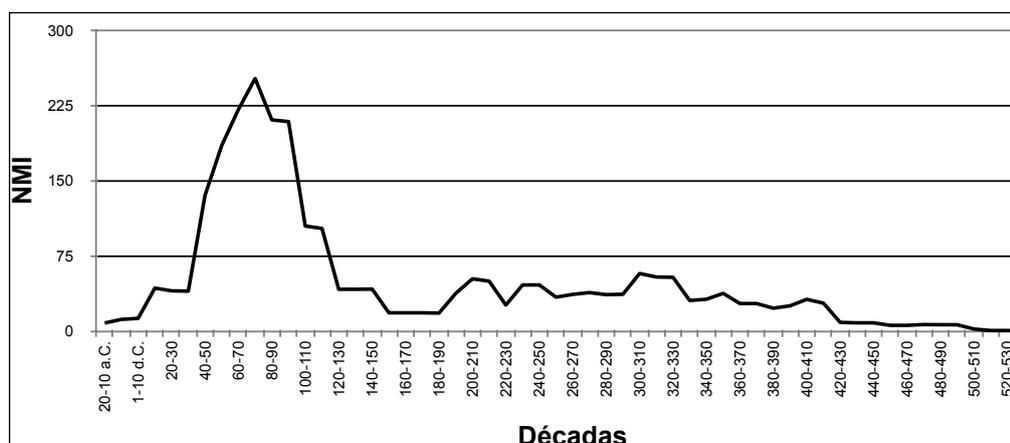


seriam o da plena transformação do povoado sidérico em urbe romana, com crescimento até à primeira metade do século II. A estatística das importações revelava também um decréscimo acentuado ao longo desta última centúria, como ligeira recuperação nos finais desse século e quebra acentuada na segunda metade da centúria seguinte, sendo o século IV um período de retoma. As importações mantinham-se até à primeira metade do século V, com extensão até à primeira metade do VI, mas este último segmento cronológico de cerca de 100 anos padecia de uma completa ausência de contextos estratigráficos pós-c.425 d.C. (Quaresma, 2012).

A investigação levada a cabo na última década veio finalmente dar algum paralelismo às curvas médio-imperiais da Fig. 7, fornecendo novas pautas cronológicas ao devir urbano de *Mirobriga*: os sectores habitacionais escavados por Felix Teichner, ainda na década passada, revelam o abandono das áreas ao longo do século III d.C. (Teichner, 2018); a análise de fundo, estra-

Fig. 6 – Taberna 1. A: UE 1008. B: Aspecto final do ambiente após escavação, com realce para a soleira da porta, com perfil inferior da UE 1008 que lhe subjaz, e alçado do muro de alvenaria aposto para entaipamento parcial da porta imperial.

Fig. 7 – Evolução dia-
crónica das importa-
ções de *terra sigillata*
em Mirobriga (NMI)
(Quaresma, 2012).



tigráfica e arquitectónica, da Construção n.º 3 ou Casa da Calçada (*domus*) revelou uma profunda transformação e descaracterização do edifício, igualmente nessa centúria (a função da 3.ª fase construtiva ainda não é clara; a possível transformação de metais ocorre no segundo quartel do século IV, numa ocupação que amortiza a 3.ª fase (Sousa, 2018); uma análise urbanística (tendo como foco principal a gestão das águas e dos resíduos) mais ampla permitiu enquadrar o abandono dos balneários (ou parte deles) novamente no século III (Biers & alii, 1988; Felício, 2019). Este panorama permite-nos hoje enquadrar a amortização do pavimento de circulação da ponte (passando a funcionar em terra batida, acumulada sobre as lajes) por volta de 350+ d.C., cronologia igualmente possível para o abandono da construção n.º 1 (*domus*), cuja dinâmica crono-funcional poderá também albergar funções produtivas. Assim, se a construção n.º 2 mantém a sua cronologia de abandono na primeira metade do século V d.C., o quadro temporal geral da cidade, apresentado em 2012 (Quaresma, 2012), é hoje, sem dúvida, mais complexo.

O projecto *TabMir* permitiu o encetar do estudo de um sector central mas bastante desconhecido na cidade, alvo de escavação nas décadas de 1960/70 e apenas levemente abordado nos anos 1980 (Biers & alii, 1981), fortemente marcado por um cariz comercial. Nesta fase do projecto, os dados mais significativos prendem-se com os momentos mais tardios da vida deste sector da cidade, tendo sido possível, pela primeira vez, o diagnóstico estratigráfico de ocupações posteriores à primeira metade (ou primeiro quartel?) do século V, cuja existência se vislumbrava pela curva crono-tipológica da

terra sigillata das escavações antigas (sem registos). Na *Taberna 1*, quase totalmente escavada nas campanhas da década de 1960, foi ainda possível escavar um nível de circulação em terra batida, com ausência de materiais finos coevos, mas com um mobiliário de cerâmica comum que permite enquadrar essa ocupação no segmento cronológico posterior a todos os que foram escavados e estudados até hoje no sítio. Assim, *Mirobriga*, apesar de continuar órfã de contextos pós-c.425 d.C., possui finalmente dados para momentos que pensamos situarem-se em torno a 500–525 d.C., por comparação estatística dos parâmetros tecnológicos (cozeduras redutoras e torno lento) (Quaresma & alii, no prelo).

A dinâmica de investigação entretanto impulsio-nada no sítio, a par da análise arquitectónica e cronológica das áreas comerciais afectas ao projecto *TabMir*, permitirá aprofundar o estudo de edifícios e dinâmicas comerciais e habitacionais da cidade ao longo do tempo, contribuindo o estudo de contextos de entulheira encontrados nas novas escavações e seu significado no panorama da gestão dos resíduos da cidade e sua disrupção, para a caracterização das dinâmicas temporais dos edifícios em estudo. De momento, e dados os aportes auferidos nesta fase do projecto, o futuro próximo da investigação em *Mirobriga* passará também pela caracterização ceramológica e crono-estratigráfica dessa etapa visigótica da vida da cidade, se ainda se puder denominar como tal, pela aparente pontualidade sectorial destas ocupações tardias, mormente a inexistência de registos de vastas áreas escavadas ao longo do século XX, e seu enquadramento na dinâmica de ocupação nesse período, permitindo a complexificação da leitura de conjunto de *Mirobriga*.

Bibliografia citada

- ALMEIDA, Fernando de (1964) – *Ruínas de Miróbriga dos Célticos (Santiago do Cacém)*, Setúbal: Junta Distrital de Setúbal.
- BARATA, Maria Filomena (1997) – *Miróbriga. Urbanismo e arquitectura*. Tese de Mestrado apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1997.
- BIERS, William R.; BIERS, Jane C; LEONARD JR, Albert; SLANE, Kathleen; CORNMAN, Maura F.; ODER, Craig E. (1988) – *Mirobriga. Investigations at an Iron Age and Roman site in southern Portugal by the University of Missouri-Columbia, 1981–1986*. Oxford: BAR - International Series; 451.
- BIERS, William; CAEIRO, José; LEONARD JR, Albert; SOREN, David (1981) – Investigations at Mirobriga, Portugal, in 1981. *Muse*. 15. pp. 30–38.
- FELÍCIO, Catarina (2019) – *Gestão de Resíduos em Mirobriga – O sistema de saneamento (Séculos I–IV d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Universidade Nova de Lisboa.
- GUERRA, Amílcar (1995) – *Plínio-o-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri.
- KOPF, Julia (2018a) – Archäologische und Stratigraphische untersuchungen zu Haus 5. In TEICHNER, Félix, Ed. – *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*. Marburg: Vorgeschichtliches Seminar der Philipps-Universität Marburg, pp. 58–91.
- KOPF, Julia (2018b) – Archäologische und Stratigraphische untersuchungen zu Haus 6. In TEICHNER, Felix, ed. – *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*. Marburg: Vorgeschichtliches Seminar der Philipps-Universität Marburg, pp. 92–108.
- OBERHOFER, Karl (2018a) – Archäologische und Stratigraphische untersuchungen zu Haus 7. In TEICHNER, Felix, ed. – *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*. Marburg: Vorgeschichtliches Seminar der Philipps-Universität Marburg, pp. 109–127.
- OBERHOFER, Karl (2018b) – Archäologische und Stratigraphische untersuchungen zu Haus 8. In TEICHNER, Felix, ed. – *Mirobriga. Eine Stadt im fernen Westen des Imperium Romanum*. Marburg: Vorgeschichtliches Seminar der Philipps-Universität Marburg, pp. 128–147.
- QUARESMA, José Carlos (2003) – *Terra sigillata sudgálica num centro de consumo: Chãos Salgados, Santiago do Cacém (Mirobriga?)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- QUARESMA, José Carlos (2012) – *Economia antiga a partir de um centro de consumo lusitano*. Lisboa: Universidade.
- QUARESMA, José Carlos (2020) – Late contexts from Olisipo (Lisbon, Portugal): Escadinhas de São Crispim. In DUGGAN, Maria; TURNER, Sam; JACKSON, Mark, eds. - *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and early medieval imported pottery on the Atlantic Seaboard. International symposium. New Castle University, March 26–27th 2014*. Oxford: Archaeopress (*Roman and Late Antique Mediterranean Pottery*; 15), pp. 94–107.
- QUARESMA, José Carlos; SILVA, Rodrigo Banha da; GUIMARÃES, Raquel; SOUSA, Filipe; FELÍCIO, Catarina (no prelo) – Shop nr 1 from Mirobriga (Santiago do Cacém, Portugal): ceramic evolution of the Late Antique levels. *Rei Cretariae Romanae Fautores*.
- ROMANÍ SALA, Núria; ACERO PÉREZ, Jesús (2014) – La red de saneamiento de las ciudades hispanorromanas en Época Bajoimperial y Tardoantigua: transformación y abandono. In *Actas XVIII Congreso Internacional Arqueología Clásica AIAC*. Vol. II. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 1801–1805.
- SILVA, Carlos Tavares da; COELHO-SOARES, Antónia (2014) – Preexistências de Setúbal: a ocupação da Época Romana da Travessa de João Galo, n.º 4–4B. *Setúbal Arqueológica*. 15, pp. 305–338.
- SOUSA, Filipe (2018) – *A Casa da Calçada, Mirobriga: diacronia de um edifício habitacional de época romana (séculos I a IV d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia entregue à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- VIGIL ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2003) – Cerámicas tardorromanas y altomedievales de Madrid. In CABALLERO ZOREDA, Luis; MATEOS CRUZ, Pedro; RETUERCE VELASCO, Manuel, eds. – *Cerámicas tardorromanas y altomedievales en la Península Ibérica: ruptura y continuidad*. Madrid; Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 371–387.